

**Doutoramento *Honoris Causa*
do Doutor António de Barros Veloso**

10 de Maio de 2018

Discurso do Laureado

*Magnífico Reitor da Universidade NOVA de Lisboa
Senhores Membros do Conselho de Curadores e Senhores Membros do
Conselho Geral da NOVA
Senhores Membros da Equipa Reitoral
Senhora Diretora e Senhores Diretores
Ex.mas Autoridades Académicas, Civis e Militares
Membros da Academia
Minhas Senhoras e Meus Senhores*

Chegar à idade a que eu cheguei tem algumas vantagens. A primeira é que já não tenho nada mais a demonstrar e poucas coisas a esconder. As palavras que pronuncio ganham por isso outra textura e uma indiscutível sinceridade. É essa a sinceridade que uso para vos dizer que este título de Doutor *Honoris Causa*, atribuído pela Universidade Nova, me deixou surpreendido e até embaraçado porque não o esperava e nada fiz para o conquistar.

Claro que me sinto muito honrado, muito grato e não me vou enredar em considerações de falsa modéstia, emitindo opiniões acerca do merecimento desta distinção. A decisão foi da Universidade Nova, instituição que me merece o maior respeito e à qual estive ligado, nos últimos anos, com muita honra e muito gosto, como membro do Conselho da NOVA-Medical School.

A minha surpresa resulta, em parte, do facto de nunca ter feito nada para que isto acontecesse e nunca ter pensado em fazer vida académica: a minha actividade profissional decorreu toda nos Hospitais Civis de Lisboa, organização hospitalar, hoje desaparecida, mas que foi talvez a mais influente da medicina portuguesa no século XX, não só pela sua dimensão assistencial, mas sobretudo pela carreira única, pioneira e muito exigente,

caracterizada por concursos de provas públicas eliminatórias, cuja dificuldade traduzia uma preocupação em seleccionar um corpo clínico de elite. Por isso, atingir o posto de Assistente os Hospitais, então o lugar mais elevado dessa carreira, era como que ser armado cavaleiro ou passar a fazer parte de um clube de elite, muito respeitado por todos os médicos.

Conquistar este lugar cimeiro era uma atracção para todos os médicos que se queriam distinguir no exercício da sua profissão. Exigia conhecimentos teóricos, preparação técnica e também resistência física e anímica porque os concursos eram muito competitivos. Foi a isto que dediquei quase todo o meu percurso como médico.

Mas, a atribuição deste título pela Universidade Nova, teve também o condão de me trazer à memória factos e acontecimentos remotos que eu julgava já esquecidos e interrogar-me se a minha vida podia ter sido diferente do que foi. A pergunta é inútil porque a história é irreversível, é o que é, e não há volta a dar-lhe. Resta-nos constatar o que se passou.

A mim coube-me nascer em 1930 numa altura em que Portugal tinha cerca de 6 milhões de habitantes e registava a maior taxa anual de mortalidade por tuberculose do século XX: 192 mortes por 100 000 habitantes. E foi precisamente a tuberculose que traçou o meu destino: tinha 11 meses quando a minha mãe adoeceu com uma caverna tuberculosa do pulmão direito. Era uma forma altamente contagiosa e eu fui logo afastado, enquanto ela seguia para uma estância de tuberculosos no Caramulo, onde o meu pai, recém-formado em medicina, aceitou o convite para ocupar um lugar no corpo clínico e ali ficou toda a vida.

Não fosse este acontecimento inesperado, e a minha vida teria sido diferente. Mas foi talvez isso que me fez de mim médico: durante a infância e a juventude vivi cercado de tuberculosos e de médicos e a escolha do curso de medicina iria ser para todos os que me rodeavam, familiares e amigos, um acontecimento natural. Mais tarde, já no fim do curso, os médicos mais jovens da Estância, quase todos oriundos de Lisboa, diziam-me que depois de formado tinha de ir para onde se praticava então a grande medicina portuguesa: o internato dos Hospitais Civis de Lisboa e o Banco do Hospital de S. José. Vários nomes andavam sempre no ar e

tornaram-se familiares para mim, mesmo sem os conhecer: Pulido Valente, Reynaldo dos Santos, Francisco Gentil, Fernando da Fonseca. No fim do curso concorri então ao internato dos HCL.

Mais do que uma vocação nascida na infância ou o resultado de uma pulsão interior, foram factos simples como estes que fizeram de mim médico. As paixões vieram depois e com elas a entrega com que exerci a profissão.

A primeira paixão foi uma curiosidade intelectual, a atracção pelo diagnóstico. Curiosidade genuína, fascínio de descobrir com os meios que tínhamos na altura, a doença da pessoa que estava ali à frente. Disponha da palavra para colher a história clínica, dos olhos, das mãos, dos ouvidos para obter finos e unsuspeitados dados semiológicos. E pouco mais: radiografias simples, algumas análises e E.C.G. Era uma abordagem fascinante, mas que se acompanhava de um mal-estar, de uma angústia em que estava implícita a pergunta: serei capaz?

A primeira pergunta da praxe – “então diga lá de que é que se queixa?” -- era o início de uma escalada em que estava sempre presente a sensação incómoda de acertar ou não acertar no diagnóstico, pois era nessa diferença que podia estar a fronteira entre a vida e a morte.

A partir daí, foi natural que outros sentimentos se fossem acumulando e tornando dominantes, a saber, a partilha das angústias, dos medos e também (porque não?) das alegrias dos doentes. Só me tornei verdadeiramente médico ao contactar com os olhares silenciosos daqueles que em situações incuráveis pareciam perguntar-me: “Porquê eu?”. Mas também quando via nos rostos a alegria daqueles que, sem nada dizer, perguntavam: “desta safei-me, não foi doutor?” Esta ligação aos doentes foi um componente fundamental da minha vida, que me moldou e me marcou.

Mas a estas duas paixões veio acrescentar-se outra: a paixão de ensinar médicos na fase de pós-graduação, actividade a que dediquei muito da minha vida: não para lhes transmitir passivamente conhecimentos mas para os levar a descobrir sinais e sintomas até chegar ao diagnóstico como se, à maneira socrática do diálogo Menon de Platão, estivessem a descobrir o que já sabiam e apenas tinham de trazer à memória.

Queria abrir aqui um pequeno parêntesis para recordar algumas pessoas dessa época, para mim, inesquecíveis, que contribuíram para vir a ser aquilo que fui: Fernando Nogueira, inteligência brilhante, espírito inconformado e corajoso; Jaime Ricardo Jorge, exímio cirurgião, um verdadeiro Paganini na arte de operar; Pena de Carvalho um poço de cultura médica de cultura geral e de sentido de humor. E gostaria também de lembrar alguns dos 32 companheiros que, entre cerca de 100 concorrentes, ocuparam as vagas do concurso ao internato geral em 1957. Era uma geração invulgar que deixou marcas na medicina portuguesa: José Pinto Correia, brilhante gastroenterologista e professor universitário, António Galhordas, grande cirurgião e político praticante, Orlando Leitão, um dos mais destacados representantes da neurologia portuguesa, Fernanda Sampaio, que introduziu a cardiologia pediátrica em Portugal, Mendes de Almeida e Cabrita Carneiro, notáveis cirurgiões.

Quero realçar um ponto: esta geração, que foi a minha, assistiu a transformações radicais, diria mesmo, brutais, que lhes caíram em cima. Nós vínhamos de uma fase herdada do iluminismo e do positivismo, em que parecia haver uma Verdade exterior a nós, que a pouco e pouco iríamos descobrir, mas que iria pulverizar-se em múltiplas verdades. Nós, incorrigíveis idealistas que acreditávamos e nos batíamos por futuros utópicos, assistimos à emergência de um generalizado relativismo e de um ambiente dominado pelo pragmatismo. Tínhamos vivido a juventude num mundo hierarquizado e ordenado que estava afinal a transformar-se num mundo “pós qualquer coisa”: pós-guerra, pós-industrial, pós-socialista, pós-histórico, pós-moderno, mais recentemente, pós-verdade e até, digo-o sem ironia, pós-medicina. Criaram-se formas diferentes de estar, valores diferentes, relações pessoais e familiares diferentes.

E tudo isso acompanhado de um explosivo progresso técnico. A opacidade do corpo parecia desaparecer para dar lugar, com as novas técnicas de imagem, ao “corpo transparente”. E até a respeitável cirurgia, que sempre se colocara num pedestal, começou a perder o ADN que herdara do século XIX -- a tríade “incisão, exérese e síntese” (cortar, extirpar, suturar) -- para dar lugar progressivamente a novos paradigmas: a cirurgia endoscópica, a cirurgia laparoscópica, o laser e, até, a telecirurgia.

O que aconteceu foi que tínhamos saído de uma fase de “destilação” de ideias, valores e princípios, semelhante a outros períodos da história da humanidade, e entrámos numa fase de “fermentação”, muito semelhante ao que aconteceu no Renascimento dos séculos XV e XVI, dominado pela magia, a retórica e a curiosidade em que, como dizia Alexander Koyré, “tudo era possível”. Agora, era Feyerabend, no seu livro *Contra o Método*, que nos vem anunciar, com alguma irreverência: “anything goes”, ou seja, “vale tudo”.

O paralelismo entre o Renascimento dos séculos XV e XVI e a época em que vivemos tem semelhanças demasiado flagrantes para poderem ser ignoradas: os descobrimentos portugueses e espanhóis que alargaram o conhecimento do planeta, *versus* a exploração espacial que nos lançou nos mistérios do cosmos; a invenção da imprensa no século XVI que divulgou a cultura e, agora, a *internet* que, não só nos permite conhecer o passado, como nos oferece um acesso instantâneo a tudo o que está a acontecer no presente. Além disso, a atracção pela novidade: no Renascimento, os textos clássicos, o hermetismo, a alquimia, a astrologia, a iatroquímica, a numerologia ou a cabala judaica; agora, tudo o que marca a diferença, venha de onde vier, por mais extravagante, exótico e chocante que seja. São mundos em que a opinião vale, muitas vezes, mais do que o conhecimento. São fases de mágicas, confusas e criativas, de “fermentação”, que nos levam não sabemos para onde.

Ter a idade que tenho e assistir a isto sem azedume sem resmungar, sem dizer que no meu tempo é que era bom, mas, pelo contrário, com vontade de entender o que se está a passar, foi um dos grandes sortilégios da minha vida.

Mas, ainda valerá a pena transmitir alguma coisa do que aprendi ao longo do meu percurso para deixar aqui como testemunho pessoal, sobretudo aos jovens médicos que hoje vivem fascinados pelas tecnologias mas também perturbados pela burocracia que lhes é imposta?

Arriscaria três palavras.

“Vocação”, é um componente fundamental. Vocação que é entrega, partilha, sentido de responsabilidade, de entrega e a noção clara de que das nossas decisões depende o bem-estar e a vida dos doentes.

“Cultura” é outra palavra-chave. Sem ela é difícil perceber o que a medicina tem de mais profundo e humano. Não é por acaso que entre os médicos, se inscrevem os nomes de algumas das maiores figuras da literatura portuguesa. Só no século XX: Júlio Dantas, Fernando Namora, Miguel Torga, Bernardo Santareno, António Lobo Antunes. Mas, para além destes, homens de cultura que marcaram gerações, como Ricardo Jorge, Pulido Valente, Reynaldo dos Santos, Abel Salazar e João Lobo Antunes. Conhecer as histórias destas personagens enche-nos de prazer e orgulho e faz-nos sentir a grande responsabilidade que é ser médico.

Por fim, “Ética”. Escrevi há tempos, num período em que estava talvez mais reactivo, que o Homem é um animal por natureza ambicioso e muito agressivo, sobretudo quando se sente em perigo. Isto está inscrito no seu ADN e, em sociedade, o seu comportamento tem de ser condicionado por alguns “medos” que contenham essa ambição e agressividade.

Numa altura em se discute se existe ou não inferno -- que foi durante vários séculos um dissuasor eficaz para muita gente --, em que os processos judiciais se arrastam naquilo que se chama “o tempo da Justiça” que não está acertado pelo tempo médio de Greenwish, e em que a vergonha, uma conquista civilizacional indiscutível, está em risco de se perder, a Ética é a forma sublimada de condicionar comportamentos. Foi ela que esteve sempre intimamente ligada à medicina, desde Hipócrates e do seu célebre juramento, a lembrar-nos que o respeito pela dignidade e integridade do outro está em primeiro lugar. É precisamente o frente a frente constante com o outro e com a responsabilidade de tomar as decisões eticamente mais correctas, que fazem da profissão médica um caso especial. Os que estão de fora nem sempre percebem esta diferença e não entendem porque é que a ética médica não se esgota nas leis da República. Mas a verdade é essa e não deve ser esquecida.

Queria acabar, saudando as pessoas aqui presentes sobretudo aquelas que se cruzaram comigo e que contribuíram para fazer de mim aquilo que eu sou.

A minha família em primeiro lugar: a minha mulher, os meus filhos e os meus netos.

Os meus colegas: os mais velhos, com quem aprendi e, sobretudo, os mais novos, que foram meus internos e que ajudei a formar.

Os meus companheiros do Conselho da NOVA-Medical School com quem muito aprendi.

E, também, os meus amigos do jazz, dos azulejos e da História e Filosofia da Ciência da FCUL, alguns dos quais estão aqui presentes.

Agradeço mais uma vez à Universidade à Nova e a todo o seu corpo docente, a honra com que hoje me distinguiram.

Muito Obrigado.

António José de Barros Veloso